

MODERNIDADE: UM PROJETO PARA A EMANCIPAÇÃO? ¹

Modernity: A project for emancipation?

Ésio Francisco Salvetti ²

RESUMO

O presente artigo tem como propósito teórico refletir sobre as contribuições críticas de Adorno e Horkheimer sobre o projeto da modernidade. Parte-se desta crítica para entender a recepção reconstrutiva dada por Habermas através da *Teoria da Ação Comunicativa* e seu potencial no que concerne à elaboração de um projeto emancipatório. A pergunta que permanece como pano de fundo do artigo pode ser resumida da seguinte forma: a partir dos rumos da história recente ainda há possibilidade ética de defesa do projeto emancipatório da modernidade? Para abordar essa questão faz-se necessário o entendimento das bases teóricas do chamado “projeto da modernidade”, que tinha como finalidade a emancipação humana. Num segundo momento é exposto às críticas de Adorno e Horkheimer ao projeto da modernidade. Para finalizar, discorre-se sobre a compreensão de Habermas como uma saída ou possibilidade para continuar o projeto da modernidade em vista da emancipação humana.

Palavras-chave: Emancipação, Modernidade, Adorno, Horkheimer, Habermas

ABSTRACT

This article has the theoretical purpose to reflect on the critical contributions of Adorno and Horkheimer on the project of modernity. It starts from this criticism to understand the reconstructive reception given by Habermas through the Theory of Communicative Action and its potential regarding the elaboration of an emancipatory project. The question that remains as the background of the article can be summarized as follows: from the directions of recent history, is there still an ethical possibility of defending the emancipatory project of modernity? In order to address this issue, it is necessary to understand the theoretical bases of the so-called "modernity project", which had the purpose of human emancipation. In a second moment, the criticisms of Adorno and Horkheimer to the project of modernity are exposed. Finally,

¹ <https://doi.org/10.51359/2357-9986.2022.249664>

² Faculdade Meridional (IMED), Passo Fundo, RS, Brasil. Doutor e mestre em filosofia pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), em Santa Maria, RS, Brasil, em cotutela com Università Degli Studi di Padova, Itália; graduando em Direito pela Faculdade Meridional (IMED), em Passo Fundo, RS, Brasil. Foi professor do Instituto Superior de Filosofia Berthier (IFIBE), em Passo Fundo, RS, Brasil, até seu encerramento (2019). Email: esiosalvetti@gmail.com. ORCID: <http://orcid.org/0000-0001-6706-5739>.

we discuss Habermas' understanding as a way out or a possibility to continue the project of modernity in view of human emancipation.

Key-words: Emancipation, Modernity, Adorno, Horkheimer, Habermas

INTRODUÇÃO

Uma das principais características da modernidade é a crença de que a emancipação da humanidade depende de uma sociedade racional. No entanto, com o número de denúncias feitas pelos teóricos da primeira geração da Escola de Frankfurt, criou-se uma grande desconfiança quanto à possibilidade de emancipação da humanidade. Adorno³ e Horkheimer⁴ defendiam, inicialmente, uma razão emancipatória, mas mudaram de posição quando as evidências históricas contrariaram tal expectativa. Para ambos, a razão submetida à lógica do capitalismo é incapaz de promover o esclarecimento, e produzia a *desrazão*. Eles passaram, então, a desconfiar da capacidade emancipatória da razão e tornaram-se críticos da modernidade, avaliando que a mesma não cumprira a promessa do Iluminismo. A história mundial passa a ser concebida não como o progresso na consciência da liberdade, mas justamente o contrário: a totalização progressiva da dominação.

Jürgen Habermas, pensador da segunda geração da Escola de Frankfurt, também é considerado um crítico da modernidade, pois recusa a filosofia da consciência que informou o projeto moderno, mas, busca recuperar a razão, inclusive das análises pessimistas de Adorno e Horkheimer. Habermas defende a modernidade e a emancipação, mas o faz sobre novas bases.

³ Theodor Wiesengrund Adorno (1903 – 1969) é um dos mais conhecidos filósofos que fazem parte da Escola de Frankfurt. Ele nasceu na Alemanha, vivendo em um período conturbado, marcado pela ascensão de sistemas totalitários, revoluções e pelas duas grandes guerras mundiais. Como filósofo, sociólogo, musicólogo e crítico do século passado ganha reconhecimento pelas suas obras. Logo aos 19 anos conhece Max Horkheimer, que estará constantemente ao seu lado, inclusive por um período em que ambos refugiaram-se nos Estados Unidos, diante da ameaça do nazismo na Alemanha. Entre as obras principais destacam-se: *Dialética do esclarecimento* (1947); *Mínima Moralia* (1947); *Negative Dialektik* (1966) e *Teoria estética* (1970).

⁴ Max Horkheimer, filósofo e sociólogo alemão, nasceu em 1895 e faleceu em 1973. Foi um dos fundadores do Instituto de Pesquisas Sociais de Frankfurt, criado em 1922. Ele foi diretor desta instituição por vários anos, regendo também a cadeira de filosofia social. Sua filosofia caracteriza-se por um ataque à separação entre teoria e prática articulada pelo positivismo. A teoria crítica inaugurada por este ilustre filósofo exprime-se negativamente contra a metafísica, psicologia e sociologia tradicionais. Entre suas obras principais pode-se citar *Teoria Tradicional e Teoria Crítica* (1937), *Eclipse da razão* (1944) e *Dialética do esclarecimento* (1947).

Deste modo, o objetivo deste artigo é refletir, a partir destes autores da Escola de Frankfurt, a proposta de emancipação moderna. A pergunta que permanece como pano de fundo deste artigo pode ser resumida da seguinte forma: a partir dos novos rumos da história recente, ainda há possibilidade ética de continuar a defender o projeto emancipatório da modernidade?

PROJETO DA MODERNIDADE: em busca do “Esclarecimento”

O estudo sobre o projeto da modernidade significa, basicamente, um estudo sobre o conceito de esclarecimento presente no desenvolvimento da civilização ocidental. Para levar a cabo este intento, é importante deter-se na análise feita pela chamada Teoria Crítica⁵, que fez uma reflexão aprofundada do cenário político e epistemológico. A obra *Dialética do Esclarecimento*⁶ servirá de base para esta reflexão e com o auxílio de outras obras de Adorno e Horkheimer, buscar-se-á compreender a trajetória do *Projeto da Modernidade* e a crítica que fazem a ele.

A escolha por fundamentar-se em Adorno e Horkheimer se deve pela importante sistematização e crítica à racionalidade iluminista, ou seja, ao projeto de racionalidade, que depositava a superioridade do homem em seu saber. Pelo fato de estarem inseridos e viverem a barbárie da Segunda Guerra Mundial, eles criticaram e questionaram profundamente a razão. Esses pensadores constataram que a razão se tornou subordinada, subjetivada, utilizada não para fins, mas para meios, e sua redução a mero instrumento, afeta fatalmente sua utilização como próprio instrumento.

O esclarecimento é um conceito tipicamente moderno. A modernidade teve uma influência enorme na construção do esclarecimento e na sua difusão, tanto que houve pensadores que se encarregaram de difundir a ideia do homem “senhor de si mesmo”, capaz de dominar a natureza. Além disso,

⁵ Movimento intelectual ligado ao Instituto de Pesquisas Sociais (1923) e a Revista da mesma instituição (1932-1942) que ganhou força e expressão a partir da década de 1930. Esta expressão foi cunhada por Horkheimer em um artigo intitulado *Teoria Tradicional e Teoria Crítica*, tendo como objetivo central o rompimento com o método matemático e a articulação de mudanças na sociedade. Alguns outros filósofos da Escola de Frankfurt acabaram por aderir ao seu projeto, entre eles Theodor Adorno, Herbert Marcuse, Walter Benjamin e, posteriormente, Jürgen Habermas, entre outros.

⁶ Esta obra foi escrita em parceria por Adorno e Horkheimer, concluída em 1944 e publicada três anos depois. Nas citações utilizaremos a abreviação DE para referir *Dialética do Esclarecimento*. Trad. Guido A. de Almeida. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.

uma série de novidades científicas ajudaram o homem a mudar sua posição perante o mundo. Theodor Adorno e Max Horkheimer, na obra *Dialética do Esclarecimento* fazem uma análise crítica⁷ destes e tantos outros elementos envolvidos na grande mudança operada pelo mundo moderno, para isso é preciso resgatar algumas noções da racionalidade moderna e refletir acerca do desenvolvimento do esclarecimento em meio àquela sociedade.

Foi exatamente a forma esclarecida de pensar que assegurou o fim dos mitos como explicação do mundo e conferiu à ciência um caráter extremamente positivista e pragmático. Surge, com isso, a ideia da história como um processo contínuo, em que a liberdade do indivíduo seria assegurada na mesma medida em que ocorresse o progresso. Diante de tal crença, o mundo se encaminhou para o predomínio da razão instrumental, como a única capaz de manter o domínio do ser humano sobre a natureza.

Logo no início da obra, Adorno e Horkheimer enfatizaram que “[...] o esclarecimento tem perseguido sempre o objetivo de livrar os homens do medo e investi-los na posição de senhores” (DE, p. 19). Esta tarefa implica essencialmente na tentativa de fazer com que o ser humano se sinta capaz de ser o fator determinante tanto para selar seu próprio destino, como para interferir com seu saber no planeta.

Não era mais tolerável para o homem moderno aceitar que as forças da natureza restringissem as ações humanas e, se havia uma forma de superar este estado, dever-se-ia firmar a razão como instância geradora da autonomia humana. Para os autores que mais influenciaram o pensamento moderno, tais como Kant e Bacon, não havia qualquer dúvida de que “A superioridade do homem está no saber” (DE, p. 19). Ainda para Adorno e Horkheimer, os autores modernos concentraram seus esforços para conectar os conhecimentos existentes até então;

O pensamento no sentido do esclarecimento, é a produção de uma ordem científica unitária e a derivação do conhecimento factual a partir de princípios, não importa se estes são interpretados como axiomas arbitrariamente escolhidos, ideias inatas ou abstrações supremas” (DE, p. 81).

⁷ As obras desses filósofos são dotadas de um profundo fermento crítico. Elas exploram diversas áreas do conhecimento, mantendo relação estreita com a psicologia, arte, teoria do conhecimento, antropologia, filosofia da educação, entre outras.

A evolução do conceito de esclarecimento na história da filosofia fica evidente quando nos concentramos na filosofia kantiana. Ela provocou uma revolução copernicana no conhecimento, atribuindo à razão um caráter autônomo. Para ele, isso a tornaria um instrumento capaz de libertar o ser humano da ignorância e da superstição, visto que:

Esclarecimento (Aufklärung) é a saída do homem de sua menoridade, da qual ele próprio é culpado. A menoridade é a incapacidade de fazer uso de seu entendimento sem a direção de outro indivíduo. O homem é o próprio culpado dessa menoridade se a causa dela não se encontra na falta de entendimento, mas na falta de decisão e coragem de servir-se de si mesmo sem a direção de outrem. Sapere aude! Tem coragem de fazer uso de teu próprio entendimento, tal é o lema do esclarecimento. (KANT, 1985, p. 100).

Percebe-se que Kant, ao mesmo tempo em que coloca a razão autônoma na centralidade do conhecer, acabou por absolutizá-la, favorecendo sua posterior instrumentalização.

Até este ponto é possível avistar a tendência para uma grande transformação que colocaria o homem na centralidade do processo, valorizando a razão. Entretanto, a forma como ocorreu este processo é no mínimo questionável, principalmente para os autores frankfurtianos. Como o pensamento que se formava sugeria a necessidade imediata de confiança na razão e que somente através dela seria possível fazer com que a humanidade evoluísse como um todo, o homem a absolutizou confiando inteiramente na técnica e na ciência para que esta tomasse conta de sua vida. Assim:

Todas as figuras míticas podem ser reduzidas, segundo o esclarecimento, ao mesmo denominador, a saber, ao sujeito. A resposta de Édipo ao enigma da esfinge: 'É o homem!' é a informação estereotipada invariavelmente repetida pelo esclarecimento, não importa se este se confronta com uma parte de um sentido objetivo, o esboço de uma ordem, o medo de potências maléficas ou a esperança da redenção. (DE, p. 22).

A principal característica da razão científica moderna é, certamente, a matematização do saber. Tudo podia ser medido e calculado, estraçalhado

até o último pedaço pelo olhar atento do cientista. “O que não se submete ao critério da calculabilidade e da utilidade torna-se suspeito para o esclarecimento” (DE, p. 21).

AS DENÚNCIAS DE ADORNO E HORKHEIMER

A denúncia de Adorno e Horkheimer é que a modernidade nasceu da crença de que a emancipação da humanidade dependia de uma sociedade racional. Depois de alguns séculos as evidências históricas contrariaram tal expectativa. O que se evidenciou foi uma razão submetida à lógica do capitalismo, que por sua vez foi incapaz de promover o esclarecimento, ou seja, de levar a humanidade à liberdade, igualdade e fraternidade que era seu projeto inicial, nascido com o iluminismo. Ou seja, a razão submetida às vontades do mercado foi incapaz de promover o esclarecimento e promoveu a *desrazão*. O que tivemos dali para frente foi a absoluta totalização progressiva da dominação.

O projeto da modernidade teve uma influência enorme na difusão da ideia de que o homem é o “senhor de si mesmo”, capaz de dominar a natureza. A dominação da natureza presente nos mitos foi instrumentalizada pela técnica consolidando uma forma mais clara e eficaz de domínio da natureza. No fundo, a sede desesperada de dominar a qualquer custo a natureza acabou se revertendo contra o próprio homem. Como afirmam os autores, “O que os homens querem aprender da natureza é como empregá-la para dominar completamente a ela e aos homens” (DE, p. 20).

Aliado ao crescimento da violência contra o homem está a valorização excessiva do capital, este se transforma na razão de ser das descobertas científicas, pois os cientistas passaram a não mais trabalhar com a finalidade de valorizar o ser humano, em sua caminhada rumo a auto-affirmação em meio à natureza, e sim em engrandecer o capital. Na medida em que o homem fica em segundo plano o esclarecimento passa a frustrar a tentativa de fortalecê-lo, cedendo espaço para todos os tipos de dominação do próprio homem. Desse modo, é impossível reagir à ditadura da técnica, já que as mesmas normas que a regulam valem até mesmo para a justiça. Em síntese, toda a vida passa a ser regrada pelo capital e pela ciência. O homem nega a

si mesmo para tentar fortalecer a técnica que, por sua vez, não lhe dá em troca o potencial emancipatório. Nas palavras da *Dialética do Esclarecimento*:

O mito converte-se em esclarecimento, a natureza em mera objetividade. O preço que os homens pagam pelo aumento de seu poder é a alienação daquilo sobre o que exercem poder. O esclarecimento comporta-se com as coisas como o ditador se comporta com os homens. Este conhece-os na medida em que pode manipulá-los. O homem de ciência conhece as coisas na medida em que pode fazê-las. É assim que seu *em-si torna para-ele* (DE, p. 24)

Mesmo no chamado “século das luzes” a racionalidade foi guiada pelo poder dominante. Intelectuais burgueses, ao difundirem a falsa ideia de homem independente e esclarecido, foram os responsáveis por dirigir a sociedade à barbárie. Isso é extremamente sério, principalmente quando, na modernidade, o esclarecimento prometia dar maior liberdade aos homens, acabando com as restrições que lhes eram impostas.

Seguindo o caminho proposto na *Dialética do Esclarecimento* observa-se a tendência da sociedade esclarecida em anular a atividade racional dos indivíduos. Com todas as promessas feitas pela tecnologia de ponta, as pessoas não conseguem perceber que, por trás da ideia do progresso a qualquer custo, o sistema tende a levar a sociedade à barbárie. O indivíduo não é capaz de contrapor-se à ordem que lhe é imposta e acaba reproduzindo aquilo que assimilou. Assim, os efeitos do esclarecimento acabaram por se estenderem a todos os indivíduos. Como explicam os autores: “Aquilo que acontece a todos por obra e graça de poucos realiza-se sempre como a subjugação dos indivíduos por muitos: a opressão da sociedade tem sempre o caráter da opressão por uma coletividade” (DE, p. 35).

Adorno e Horkheimer quando se referem à racionalidade moderna destacam que “ela se tornou a finalidade sem fim que, por isso mesmo, se deixa atrelar a todos os fins” (DE, p. 87). Isso foi possível graças às consequências negativas do advento do esclarecimento, pois, como se difundiu sem uma reflexão prévia de suas consequências, acabou por se desviar dos seus objetivos.

O esclarecimento pode ser caracterizado por atribuir ao ser humano o papel de dominador frente a natureza. Entretanto, Adorno e Horkheimer

identificaram com precisão que esta mesma postura de domínio se ampliou entre os próprios homens. Não faltam exemplos da prática da barbárie que ajudam a compreender o que significou a relação entre razão e dominação. Os próprios frankfurtianos viveram num período muito conturbado, marcado pelas duas grandes guerras, além da subida de Hitler ao poder e a divisão do mundo entre socialismo e capitalismo. Auschwitz não representa apenas o genocídio num campo de extermínio, mas simboliza a tragédia da formação na sociedade capitalista. Um dos grandes objetivos da filosofia de Adorno é expresso pelo próprio autor nesta frase: “Que Auschwitz não se repita!” (ADORNO, 1995a, p. 119).

A crítica feita à técnica e ao projeto da modernidade em especial, aos moldes como ele ocorreu, se deve à vitória da barbárie. Podemos caracterizar essa barbárie como o domínio do homem sobre a natureza e sobre o próprio homem. Não faltam exemplos de práticas de barbárie que ajudem a compreender o que significou a relação entre razão e dominação. Os próprios autores reconhecem ser forçoso admitir tamanho avanço da barbárie. “Como pôde um país tão culto e educado como a Alemanha de Goethe desembocar na barbárie nazista de Hitler?” (ADORNO, 1995, p. 15). Se este acontecimento que antes parecia impossível de ocorrer foi possível, é preciso estar vigilante para impedir novas manifestações da barbárie.

O genocídio praticado pelo nazismo contra os judeus é um dos exemplos para demonstrar a força do irracionalismo e por isso ganhou uma atenção especial na *Dialética do Esclarecimento*. O ensaio *Elementos do anti-semitismo* contém uma reflexão que contempla os limites do esclarecimento. Pode-se dizer que a situação de ofuscação presente em praticamente toda a sociedade moderna culmina com a mentalidade de uma anti-raça. “Os judeus são o grupo que, tanto prática quanto teoricamente, atraem sobre si a vontade de destruição que uma falsa ordem social gerou dentro de si mesma” (DE, p. 157). Sob o olhar destes autores não há qualquer motivo aparente que justifique minimamente o genocídio; ele é guiado pela mentalidade de que “Quem não está comigo está contra mim” (ADORNO, 1992, p. 115). Toda esta situação se originou da ânsia pelo poder, sendo que “Ele é, de fato, o bode expiatório, não somente para manobras e maquina-

ções particulares, mas no sentido mais amplo em que a injustiça econômica da classe inteira é descarregada nele” (DE, p. 162).

O que ocorre no processo de desenvolvimento do anti-semitismo foi devido a completa ausência de reflexão. A falta de reflexão sobre os objetos e eventos que cercam o homem impede que ele perceba a situação que ele mesmo se encontra, cedendo espaço à autoconservação e à perpetuação da irracionalidade.

Nessa esteira, Horkheimer observa que a perpetuação do iluminismo resultou no avanço do dogmatismo e das superstições. A razão instrumental acabou por impossibilitar a consolidação da justiça, igualdade, felicidade e tolerância, pois, segundo este pensar impróprio: “[...] o despotismo, a crueldade e a opressão não são maus em si mesmos”⁸ (HORKHEIMER, 2002, p. 39). Aqui nota-se visivelmente a pretensão da racionalidade instrumental: seus primórdios relacionam-se com a questão dos mitos e do esclarecimento e, posteriormente, na modernidade, a razão formalizada foi capaz de alienar completamente a humanidade com o falso discurso baseado na valorização do objeto e no apego a um saber prático. Como diz Adorno, “[...] o próprio espírito se converte em fetiche, em superioridade do meio organizado universal sobre todo o fim racional e no brilho da falsa racionalidade vazia” (1996, p.391).

O desenvolvimento dos regimes totalitários é resultado da deformação, consequência direta da racionalidade instrumental. Segundo ele, “os dominantes monopolizaram a formação cultural numa sociedade formalmente vazia” (1996, p. 393). Não seria possível que a barbárie se desenvolvesse se ela não encontrasse um espaço propício para se enraizar. O grande perigo existente é que as mesmas condições que serviram como base para o advento da barbárie ainda eram percebidas em seu tempo, e com ainda mais força. Por isso mesmo é que, Adorno e Horkheimer, insistem na importância da reflexão filosófica com a finalidade de impedir o predomínio da barbárie.

A nova barbárie que hoje devemos ter presente é o obstáculo que a natureza pode impor à produção futura da realidade dos sonhos humanos.

⁸ “Segundo Habermas, com o conceito de razão instrumental, ‘procuravam ajustar contas com um entendimento calculador que usurpou o lugar da razão [...] a razão enquanto razão instrumental assimilou o poder, renunciando dessa forma a sua força crítica’” (ROSIN, 2007, p. 42).

Objetivamente, estamos preocupados com os desarranjos sociais e econômicos como pobreza, êxodo rural, crescimento descontrolado das metrópoles, etc. Esse projeto moderno de intervenção na natureza está claramente manifestando os traços daquilo que chamamos de nova barbárie: fenômenos da deterioração dos solos produtivos, devastação das florestas, desertificação dos solos, contaminação das vertentes híbridas, para mencionar alguns indicadores ligados à agricultura e à qualidade de vida das populações urbanas. São muitas as vidas prejudicadas por esses fenômenos.

Em suma, o modelo predominante de sociedade que rege a sociedade contemporânea inverte os meios e fins, ficando dominada pelo espírito de indiferença diante da realidade. “Quando se concebeu a ideia de razão, o que se pretendia alcançar era mais que a simples regulação de relação entre meios e fins: pensava-se nela como o instrumento para compreender os fins, para *determiná-los*” (HORKHEIMER, 2003, p. 19). Com isso, a racionalidade caminha para um desvirtuamento de sua proposta, a perda do seu sentido humano.

Portanto, vivemos numa situação epocal onde se instaurou a perda do sentido da vida, o que significa que o projeto da modernidade parece ter se tornado um devaneio. Em sua origem sabemos que ele pretendia o esclarecimento, a liberdade humana, mas atualmente experiencia-se a perda de sentido e de liberdade. A razão tornou-se instrumentalizada, provocando o domínio da natureza e ameaça da vida humana. A razão enquanto razão instrumental não tem força crítica, capacidade de impor limites, o que a torna contrária ao seu ideal que era a conquista racional do mundo.

Diante do fracasso do projeto iluminista surge um grande número de críticos que seguem a mesma postura de descrença em relação ao poder emancipatório da racionalidade. Em tese, concordam com Adorno e Horkheimer; a razão destrói a humanidade, que ela havia tornado possível. Para eles toda racionalidade (direito, moral, arte e ciência) ficaram sob as normas da racionalidade instrumental. Desta forma, razão e dominação se equiparam causando a perda de sentido e de liberdade da vida humana. Diante deste cenário, Habermas assume o projeto da escola de Frankfurt (teoria crítica da sociedade), mas percorre um caminho diferente de seus mestres. Habermas identifica na própria razão elementos que estavam abafados, mas que

tem o potencial de produzir esclarecimento. Este elemento é a comunicação, o que torna o projeto da modernidade inacabado (OLIVEIRA, 1993, p. 68 – 79)

No entanto, segundo Eldon H. Muhl, a perda de sentido e de liberdade não é por consequência do desenvolvimento da racionalidade burocrática no mundo sistêmico, mas o avanço desta racionalidade sobre o mundo da vida. “Só quando a esfera sistêmica invade a esfera do mundo da vida é que surge o problema da perda de sentido e a perda de liberdade.” (MUHL, 2003, p. 102). Para melhor compreendermos esta afirmação, passaremos a analisar o pensamento de Habermas. Pensador que defende o projeto da modernidade, como um projeto com potencialidades para a emancipação

HABERMAS: UM PROJETO EM DEFESA DA EMANCIPAÇÃO

Habermas concorda com as constatações feitas pelos seus mestres, porém, não é cético e acredita que os ideais de autonomia e esclarecimento (emancipação) da modernidade não estão esgotados, o que significa que é possível buscar uma razão esclarecedora. O grande problema da racionalidade moderna é que esta tem o potencial de destruir a racionalidade comunicativa, pois a instrumentalização cria um mundo artificial, tecnicista, coisificando pragmaticamente as relações humanas. Na medida em que se intensifica a racionalidade instrumental, se efetiva gradativamente o processo que Habermas chama de colonização do mundo da vida.

Ao contrário de seus mestres, Habermas acredita e retoma o projeto nascido com a modernidade pois enxerga nele a possibilidade de dar continuidade ao projeto emancipador da humanidade. Além do mais, não seria admissível deixar escapar todas as conquistas proporcionadas pelo progresso científico e pelo desenvolvimento da moral.⁹

⁹ Ainda muito influenciado por seus mestres e pela tradição da escola de Frankfurt, Habermas escreve em 1968 suas duas primeiras obras, intituladas; “*Conhecimento e Interesse*” e “*Técnica e Ciência como Ideologia*”. Nestas duas obras, Habermas critica a estrutura das ciências objetivas, mas esta obra ficou famosa pelo modo como Habermas descreve o contexto pelo qual surge o positivismo, atribuindo à própria filosofia, em especial ao idealismo alemão, a responsabilidade maior pela afirmação do positivismo jurídico. Essa crítica ao positivismo aparece também em sua obra “*Técnica e Ciência como Ideologia*”. A tentativa dos positivistas é aplicar, a qualquer custo, o saber científico e a técnica que dele resulta. Essa técnica resultante do saber científico retroage sobre a ciência definindo os seus rumos. Esse complexo de mútua vinculação entre ciência e técnica, faz com que estas se tornem a grande força produtiva, subordinado todas as demais. A partir disso Habermas ataca a pre-

Teoria da Ação Comunicativa é uma obra na qual o autor dialoga com todas as principais correntes filosóficas contemporâneas. Neste livro o autor trabalha com três conceitos básicos: a racionalidade, a ação e a linguagem. Estes conceitos lhe permitem elaborar conceitos mais complexos como de ação racional: ação estratégica: ação comunicativa: e, por fim, ele procura fundamentar uma ética do discurso.

No início dos anos 1960, Habermas já mostrava que havia encontrado o núcleo de seu pensamento filosófico e político: a linguagem como pressuposto da emancipação. Mas, só foi detalhar o seu argumento sobre o papel da linguagem, na *Teoria da Ação Comunicativa*.

Conforme descreve Habermas:

Con Wittgenstein estoy convencido que lenguaje y entendimiento son conceptos cooriginarios, conceptos que se explican mutuamente. Cuando, manteniendo una cierta analogía con la crítica kantiana de la razón, tratamos de dar respuesta a la pregunta de cómo es posible una utilización del lenguaje orientada al entendimiento, nos topamos con el saber intuitivo de sujetos capaces de lenguaje y de acción, que el muchacho hay de aprender para aplicarlos como adulto en la acción comunicativa (HABERMAS, 1989. p. 417).

O objetivo de Habermas é reconstruir as condições universais do entendimento possível. “En otros contextos se habla también de presupuestos universales de la comunicación; pero prefiero hablar de presupuesto universales de la acción comunicativa porque considero fundamental el tipo de acción orientada al entendimiento”. (HABERMAS, 1989. p. 299).

A racionalidade comunicativa passa a ser o cerne de todo seu sistema filosófico. Ao contrário dos pós-modernos, resiste ao ceticismo frente ao brilhante projeto iluminista, por isso Habermas continua acreditando na razão. Contudo, alerta para a necessidade de desvelar os elementos comunica-

tendida neutralidade das ciências, desvelando seu caráter ideológico. Depois desse construto filosófico, em 1981 Habermas escreve a obra “*Teoria da Ação Comunicativa*” aqui ele dá um salto qualitativo impressionante distanciando-se da análise da sociedade feita por seus mestres. Podemos até mesmo dizer que a teoria da ação comunicativa é o ponto culminante do pensamento de Habermas, principalmente no que se refere à reconstrução do pensamento moderno. A teoria da ação comunicativa, ao aderir aos procedimentos que tratam das pretensões de validade (questionadas, argumentadas e contra-argumentadas), consiste em tornar a linguagem a sua categoria central, não negando as condições sociais, culturais, subjetivas e históricas dos sujeitos.

tivos que estavam abafados na modernidade por processos socioeconômicos.

Portanto, é o elemento comunicativo que tem o potencial de levar a cabo o projeto iluminista, que visava a liberdade e o esclarecimento humano através da razão. Com isso, percebe-se que Habermas encara tal projeto como inacabado: inclusive, “Modernidade – um projeto inacabado” foi o título de um discurso que Habermas pronunciou em setembro de 1980, quando recebeu o prêmio Adorno (HABERMAS, 2000, p. 01). Ou seja, ele assume uma nova postura frente à crise da modernidade, não é pessimista, radical ou cético.

A razão era aclamada pelos iluministas como o principal instrumento da ação autônoma do homem no mundo, fonte do entendimento e de fundamentação de todos os atos da humanidade, porém, à medida que foi destituída de sua unidade e universalidade, tornou-se um recurso eficaz no processo de manipulação inescrupulosa de indivíduos e grupos para a implementação de uma nova barbárie. Ou seja, a razão foi utilizada para manter e executar os mais cruéis projetos políticos contra a humanidade. No entanto, Habermas, percebe que há na razão possibilidades de se chegar ao esclarecimento, mas para que isso se torne possível há que se fazer uma mudança de paradigmas: passar da filosofia da consciência, que opera uma relação entre sujeito – objeto, para a filosofia intersubjetiva que opera uma relação ente sujeito – sujeito. Portanto, modifica-se neste novo paradigma o sujeito do conhecimento. O conhecimento não ocorre mais a partir de um sujeito solipsista pois não é mais possível conceber este sujeito. Para melhor esclarecer esta proposta a autora Barbara Freitag comenta:

Segundo Habermas a saída para esse impasse somente é possível se abandonarmos definitivamente o paradigma da filosofia da consciência, à qual Marcuse, Adorno e Horkheimer haviam aderido, equivocadamente, a partir de Kant, Hegel, Marx, Lukács e Weber. Habermas sugere como alternativa, retomar o paradigma, já toscamente elaborado por G. H. Mead, Durkheim e Wittgenstein, mas insuficientemente explorado pelas ciências sociais, da razão comunicativa (FREITAG, 1986, p. 111 - 112).

Está claro, portanto, a necessidade de se fazer a passagem do paradigma da consciência, que é a relação moderna entre sujeito – objeto, para o paradigma da comunicação. Tendo como objetivo a reconstrução da modernidade, Habermas leva muito a sério a reviravolta lingüística que ocorreu no contexto da filosofia contemporânea, pois ela apresentou à tradição filosófica um novo paradigma, que é a intersubjetividade que trouxe consequências importantes, não só metodologicamente.

O paradigma da filosofia da linguagem apresenta-se sob o pressuposto de que a filosofia é impossível se não parar e analisar os problemas postos pela linguagem, visto que a linguagem é o médium pelo qual se constitui o ser humano.

Portanto, o diagnóstico habermasiano aos problemas da modernidade ocorre através do delineamento de um novo caminho para a filosofia, que tem como ponto de partida a linguagem. Habermas sendo fiel à tradição ocidental, ocupa-se com o tema da razão, porém, não mais com a mesma abordagem dos pensadores que lhe antecederam, ou seja, através do conhecimento da ação, mas sim através da linguagem. Neste sentido, ele postula a adoção da linguagem como um novo paradigma para a filosofia. Através de uma minuciosa análise lingüística ele acredita formular um conceito mais amplo de razão. Mas para isso se concretizar só seria possível com uma mudança de paradigma: da análise da razão de uma filosofia da consciência para a filosofia lingüística. A esta mudança de paradigma ele denomina de “guinada lingüística”. No entanto, apesar desta mudança de paradigma ter trazido para a filosofia inúmeras vantagens metodológicas, Habermas não as considera suficientes, por este motivo ele sugere uma segunda guinada, chamada de “guinada teórico comunicativo”.

Na concepção habermasiana a guinada lingüística ficou restrita ao ponto de vista semântico e além do mais não levou em conta o uso pragmático da linguagem, parecendo não dar valor à relação que se estabelece entre falantes e ouvintes no momento que se comunicam sobre algo no mundo. A guinada lingüística, limitando-se à análise de orações e frases, negligenciou o conjunto da comunicação, que incluía a situação de fala, a aplicação da linguagem e seus contextos, as pretensões de validade das tomadas de posições, e os papéis dialogais dos falantes. Agora no novo mode-

lo sugerido por Habermas há uma relação entre linguagem, mundo, e os participantes de uma comunidade linguística.

Isso faz com que a relação sujeito-objeto, antes uma relação monológica, solitária, passe a ser uma relação essencialmente dialógica, intersubjetiva. Por este motivo, Habermas conclui que a linguagem e não o conhecimento e a ação é o melhor médium pelo qual a razão se revela. Somente através da linguagem temos acesso a uma forma de razão comunicativa, que tem como critério promover acordos racionais. É esse novo caminho que permitirá a Habermas conceber uma sociedade coesa e emancipada, pois através de um processo comunicativo os sujeitos chegam ao entendimento sobre algo no mundo.

Portanto, mesmo que o mundo da vida se apresente impregnado pela racionalidade instrumental, pelas estruturas econômicas administrativas e os espaços compartilhados comunicativamente sejam tomados pelas relações interesseiras e calculistas, Habermas se mostra otimista e não vê motivo para desacreditar na racionalidade. Pois, a racionalidade instrumental não é a forma original da racionalidade. Ela deriva e pressupõe uma racionalidade voltada ao entendimento.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao almejar refletir sobre um projeto emancipatório, foi necessário voltar ao projeto modernista, ou projeto iluminista. Ao mesmo tempo que na modernidade se encontram as bases racionalistas, que fundamentam o projeto, que em tese, conduziria a humanidade à emancipação, não há como desconsiderar a análise da teoria crítica, especialmente de Adorno e Horkheimer. Estes pensadores proferem duras críticas aos rumos e às consequências do projeto moderno. No princípio, com a crença na capacidade da razão almejava-se uma humanidade livre, emancipada, no entanto, Adorno e Horkheimer perceberam que a sociedade moderna caminhava para a anulação da atividade racional dos indivíduos. Com o advento da modernidade o homem passa a ser o centro do processo, e ao mesmo tempo deposita-se uma confiança exacerbada na razão. O grande problema é que no predomí-

nio da razão instrumental o conhecimento se alia à dominação e sufoca a racionalidade crítica.

Diante do cenário do pós-guerra, Adorno e Horkheimer concluem que a razão destruiu a humanidade, com isso, o ideal de sociedade emancipada parece ter chegado ao seu fim. Cabe a pergunta: defender um projeto de emancipação calcado nas bases da racionalidade moderna torna-se inoportuno diante de tal situação epocal? Habermas mostra que não. Ele parte da ideia de que a modernidade é um projeto inacabado.

Percorrendo um caminho diferente de seus mestres, Habermas identifica na própria razão elementos que estavam abafados, elementos esses que teriam o potencial de emancipação da humanidade. Mas para isso era necessário desvelar os elementos comunicativos que estavam abafados por processos socioeconômicos.

Para concluir, cabe ressaltar que o projeto emancipatório habermasiano tem como ponto de partida a linguagem, com isso a razão não se equipara com dominação, pois, através do processo comunicativo os sujeitos chegam ao entendimento.

Recebido em 21/02/2021

Aprovado em 30/11/2021

REFERÊNCIAS

ADORNO, Theodor W. *Educação e emancipação*. 2.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995.

ADORNO, Theodor W. *Teoria da semicultura*. Araraquara: UNESP, 1992.

DUPAS, Gilberto. *O Mito do Progresso: ou o progresso como ideologia*. São Paulo: UNESP, 2006.

FREITAG, Barbara. *A teoria crítica; ontem e hoje*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1986.

FREITAG, Barbara. *Teoria de la Acción Comunicativa: complementos y estudios previos*. Madri: Cátedra, 1989.

FREITAG, Barbara. *A Crise de Legitimação do capitalismo tardio*. Trad. Valmireh Chacon. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1980.

FREITAG, Barbara. *A Inclusão do Outro: estudos de teoria política*. São Paulo: Edições Loyola, 2002a.

FREITAG, Barbara. *O discurso filosófico da modernidade: doze lições*. Trad. Luiz Sérgio Repa; Rodnei Nascimento. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

HORKHEIMER, Max; ADORNO, Theodor W. *Dialética do Esclarecimento*. Trad. Guido A. de Almeida. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.

HORKHEIMER, Max. *Eclipse da razão*. São Paulo: Centauro. 2002.

MUHL, Eldon Henrique. *Habermas e a educação: ação pedagógica como agir comunicativo*. Passo Fundo. UPF. 2003.

OLIVEIRA, M. A de. Jürgen Habermas: Pragmática universal. In: *Reviravolta Linguístico-Pragmática na filosofia contemporânea*. São Paulo: Loyola, 1996.

OLIVEIRA, Manfredo A. de. *Ética e Racionalidade Moderna*. São Paulo. 1993.

REPOLÊS, Maria Fernanda Salcedo. *Habermas e a Desobediência Civil*. Belo Horizonte: Mandamentos. 2003.

ROSIN, Nilva. *Arte e Racionalidade: estudos sobre a superação da racionalidade instrumental e Adorno e Horkheimer*. Passo Fundo: Instituto Superior de Filosofia Berthier, 2007.

SIVIERO, Iltomar; SALVETTI, Ézio F. Laudato Si': a crítica e a alternativa. In: SIVIERO, Iltomar; ROSIN, Nilva (ORG). *Ecologia Integral: diálogos a partir da Laudato Si'*. Passo Fundo: IFIBE, 2017. p. 113 - 138.



Esta obra está licenciada com uma Licença
[Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).